

A QUESTÃO ESCALAR NA ANÁLISE EXPOGRÁFICA: O CASO DO ESPAÇO CIÊNCIA – PE

THE QUESTION OF SCALE IN EXPOGRAPHIC: THE CASE OF ESPAÇO CIÊNCIA -PE

Thayse Zambon Barbosa Aragão¹
Silvia Figueirôa²

Resumo: O presente trabalho faz parte da dissertação de mestrado ainda em andamento e busca demonstrar de que forma a questão escalar é importante na análise expográfica. Utilizando o caso da exposição permanente do Espaço Ciência (Olinda-PE) buscou-se realizar uma rica análise partindo de diferentes focos escalares. A partir de pequenas escalas observou-se a localização da exposição, suas características mais amplas e gerais. Na grande escala o foco da análise expográfica chegou até os itens expositivos, painéis com textos e a interação do espaço com o visitante. As principais conclusões da pesquisa passaram por questões referentes à importância da utilização de diferentes escalas para uma rica e completa análise expográfica, já que nas pequenas escalas observam-se as generalidades e nas grandes escalas focam-se os detalhes, ambos imprescindíveis para a compreensão de uma exposição em um ambiente de educação não formal.

Palavras-chave: educação não formal; expografia; escala; Espaço Ciência

Abstract: This work is part of the dissertation is still ongoing and seeks to demonstrate how the issue scale is important in analysis expographic. Using the case of the permanent exhibition of Espaço Ciência (Olinda-PE) study sought to conduct a rich analysis starting from different foci scalar. From small scales observed the location of the exhibition, the features more broad and general. In large-scale focus of the analysis expographic came to the exhibition items, panels with text and interaction space with the visitor. The main conclusions of the research started by questions about the importance of using different scales for a rich and complete analysis expographic, as observed on small scales if generalities and focus on large scales are the details, both essential for understanding an exhibition in an environment of non-formal education.

Keywords: Non-formal education; expography; scale; Espaço Ciência

1. A questão da escala - A questão escalar é um tema que deve estar presente em qualquer forma de análise, isso porque ela auxilia a observação a partir de diferentes focos, seja olhando para uma situação, para um objeto ou para um lugar. Habitualmente, a importância das escalas fica resumida a áreas que trabalham diretamente com a representação gráfica do real e acaba-se por ignorar outras contribuições que uma observação escalar pode trazer. Refletir sobre as escalas é, primeiramente, pensar em sua definição. A escala em definição geral é *“uma fração que indica a relação entre as medidas do real e aquelas da sua representação gráfica”* (CASTRO, 2006, p. 117). Note-se que representação gráfica não está restrita a representação cartográfica, e apesar

¹ Mestranda pelo programa de Pós Graduação Multiunidades em ensino de ciências e matemática – PECIM / Unicamp (thaysezambon@gmail.com)

² Professora Titular Instituto de Geociências Unicamp (figueiroa@ige.unicamp.br)

de estar muito presente na cartografia, a questão escalar ultrapassa esse limite e infiltra-se em outras áreas. Desse modo, a escala estaria diretamente relacionada às questões de percepção: Ao representar graficamente o real e em escala variada altera-se a percepção dessa mesma realidade.

A escolha por certa escala, certo recorte e certo foco evidencia, mostra e ignora diferentes fatores que se encontram presentes na realidade, os quais, sem o uso da escala, seriam de difícil visualização. Lacoste (2010) trata do tema pensando especialmente na escala cartográfica e sobre as diferenças quantitativas e qualitativas trazidas pela questão escalar. Essa talvez seja a maior contribuição das escalas para a análise que se pretende nesse trabalho, porque a questão escalar não serve unicamente para resolver problemas de representação de ordem quantitativa, o uso de escalas vai muito além, proporcionando novos olhares e informações qualitativas acerca do real. Sendo assim, pode-se afirmar que o uso de escalas tem um papel fundamental em uma análise que se preocupa com variados fatores, os quais só poderão ser observados utilizando-se de diferentes escalas de representação.

2. A questão da expografia - As questões vinculadas à expografia são de extrema importância para a análise que se pretende. As exposições quando montadas levam em conta inúmeros fatores e não apenas a escolha de itens expositivos. Sua relação com o público é sempre um fator relevante, já que ela só ganha significado nessa relação (CURY, 2005), porém outros fatores como forma e conteúdo também devem ser considerados. É importante destacar algumas características que definem os tipos de exposição que um museu pode fazer. Essas características são importantes para pensar na forma de análise do conteúdo e das mensagens transmitidas em uma exposição. Seguindo a classificação adotada por David Dean (2003), têm-se dois fatores que caracterizam uma exposição: foco no objeto e foco no conteúdo. Esses dois fatores combinados em uma exposição darão origem a exposições mais educativas, ou mais temáticas. Além disso, chama-se atenção para a importância de olhar os objetos e os textos em uma análise expográfica. Muitos autores como Hooper-Greenhill (1999) e Jacobi (1998) debruçam-se sobre esses temas comprovando a sua relevância.

3. O Espaço Ciência - O Espaço Ciência é um “centro interativo de divulgação científica”, como é descrito em seus materiais de divulgação. Localiza-se no estado de Pernambuco na cidade de Olinda. É um dos centros mais visitados na região e tem importância em nível nacional e internacional na área. Através de diferentes escalas será comentada a exposição permanente do Espaço, de forma a identificar características expográficas visíveis com diferentes focos escalares.

A partir do foco em pequenas escalas, utilizando-se representação cartográfica e imagens de satélite, foi possível pensar e refletir sobre a inserção local do museu como um todo no contexto geográfico e até social. Além disso, utilizando a pequena escala pode-se observar um dos fatores que é de grande relevância para a análise expográfica, a forma da exposição no que diz respeito à distribuição dos itens expositivos e de como o trânsito pela exposição é “imposto”, “sugerido” ou “livre”. Já nas grandes escalas, que por sua vez são as mais utilizadas em análises expográficas, as informações que se podem obter através de observações são mais precisas e detalhadas. Em um olhar mais próximo - no caso a maior escala utilizada foi de um para um -, pode-se notar o conteúdo que antes apenas se insinuava na pequena escala. Agora os itens expositivos já podem ser vistos com cuidado e identificados. Contudo o grande ganho da observação em grande escala para a exposição está no fato de ser observável a relação das pessoas

com a exposição. Nessa escala pode-se ter contato com os textos que estão presentes na exposição, se os itens expostos são interativos e de que forma estão, cada um em sua sessão dispostos e apresentados. Nessa escala é possível identificar se há algum, ou alguns, itens que levam destaque em uma determinada área de exposição e assim refletir sobre os pontos que são considerados como mais relevantes nesse contexto. Conclui-se então que para compreender as mensagens que uma determinada exposição pretende passar - e passa - aos seus visitantes, é necessário observá-la não só por diversos ângulos como também em diferentes escalas, notando assim generalidades, especificidades, o todo e o detalhe. Apenas com olhar atento a todas essas combinações é que será possível compreender e analisar adequadamente um espaço tão amplo e diverso como uma exposição de um centro ou museu de ciências.

Referências Bibliográficas:

CASTRO, Iná Elias de. O Problema da escala. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 117-140.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: Concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DEAN, David. **Museum exhibition: theory and practice**. London; New York: Routledge, 2003.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **The educational role of the Museum**. London; New York: Routledge, 1999.

JACOBI, D. Communiquer par L'Écrit dans les Musées. In SCHIELE, B. E KOSTER, E. H. (Org.). **La Révolution de La Muséologie des Sciences**. Paris: Éditions Multimondes, Press Universiteires de Lyon, 1998.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 2010.